

O acento em português arcaico visto pela teoria da otimidade*

Gladis Massini-Cagliari
UNESP – Araraquara

0. Introdução

O objetivo desta comunicação é analisar o acento dos nomes e dos outros itens não-verbais em Português Arcaico (doravante, PA), período trovadoresco, através do quadro da Teoria da Otimidade (de agora em diante, TO).

Como *corpus*, foi escolhido o conjunto de 503 cantigas de amigo contidas no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (de agora em diante, CBN), tomadas conforme a edição fac-similada de 1982. Com base na análise da estrutura métrica dos versos, foi adotada a estratégia de focalizar a palavra final de cada verso, pois nesta posição se localiza o acento principal do verso. Desta forma, a partir da observação da quantidade de sílabas poéticas por verso, das estratégias de silabação e de versificação (considerar ou não as sílabas átonas de final de verso) adotadas pelo poeta, pode-se ter certeza quanto à posição da sílaba tônica da palavra enfocada.¹

O embasamento teórico para a análise, dentro da Fonologia, é dado pelo quadro estabelecido pela TO, cujo marco inicial é o trabalho de Prince & Smolensky (1993). Neste modelo, a Gramática é vista como sendo constituída por um conjunto de restrições (*constraints*) violáveis e hierarquizados. Desta forma, as regras e as derivações são eliminadas do aparato formal da Fonologia, considerando-se que, no componente fonológico, há apenas restrições hierarquizadas, que podem ser violadas para que não ocorra uma violação a outra restrição mais alta na hierarquia, e que apontam, mesmo quando violadas não-fatalmente, para as “formas ótimas”, dentro das possibilidades da língua, ou para formas agramaticais, no caso de violações fatais.

Segundo Kager (1999: 142-143), a extensa pesquisa de Hayes (1995) sobre a tipologia das línguas quanto ao acento primário tem mostrado que os padrões acentuais são um domínio de forças potencialmente conflitantes, entre as quais o *acento* (pressão em direção à distribuição regular de sílabas fortes e fracas), a *sensi-*

* Este trabalho apresenta resultados de pesquisas ligadas ao Projeto “Fonologia do Português Arcaico”, coordenado por mim na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara – financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), através do Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes (processo 1997/12447-5).

¹ Para um detalhamento da metodologia adotada neste trabalho, remeto o leitor a estudos anteriores – Massini-Cagliari (1995, 1998, 1999).

bilidade ao peso silábico (pressão no sentido de combinar sílabas pesadas com proeminências rítmicas) e a *marcação de fronteira* (pressão na direção de marcar as fronteiras de domínios morfológicos por sílabas fortes). Para dar conta de expressar as interações entre essas forças conflitantes, a TO estabelece hierarquias entre as restrições ligadas a cada uma das forças conflitantes, estabelecendo interações entre os níveis prosódicos.

Para interpretar o fenômeno da acentuação em PA, do ponto de vista da TO, é preciso, pois, avaliar os candidatos, com base em restrições hierarquizadas e na possibilidade de ocorrência de violações fatais ou não. A meta final é estabelecer quais restrições estão envolvidas na atribuição de acento no PA e qual a hierarquia (*ranking*) dessas restrições.

1. Acento em Português Arcaico: abordagens tradicionais

Em geral, a vasta bibliografia que se desenvolveu sobre o PA concentra-se dos fins do século XIX até meados do século XX, sendo herdeira da tradição de estudos filológicos-lingüísticos própria ao historicismo oitocentista (Mattos e Silva, 1991: 46). Por este motivo, são raras, nessa bibliografia, afirmações a respeito da prosódia dessa época.

Quanto à localização do acento, os poucos autores que tratam do assunto concordam em relação ao fato de que o PA possuía uma grande quantidade de palavras paroxítonas e oxítonas, mas discordam quanto à existência de proparoxítonas. Os que trataram de *corpora* fechados (como Nunes, 1972, 1973, por exemplo), principalmente compostos de textos poéticos, só puderam encontrar paroxítonos e oxítonos. Já os que fazem afirmações mais generalizantes, admitem a existência de proparoxítonos, porém raros – Michaëlis de Vasconcelos (1912-13: 62), Teyssier (1987: 24). A este respeito, Michaëlis de Vasconcelos (1904: XXV) afirma:

Não verifiquei ainda, quantas palavras esdrúxulas entraram no vocabulário dos trovadores. Em todo o caso devem ser poucas, se abstrairmos dos tipos com semivogal i (sábya, rávya, cámbyo; na ortografia do sec. XIV sabha, ravha, cambho, e posteriormente saiba, raiva, caimbo; êste último regressou a câmbio) que eu contaria á maneira espanhola, entre os parocsítonos.

No entanto, o assunto mais abordado nos textos da época, quanto à prosódia do PA, diz respeito à chamada “*lei da persistência da tônica*” (Coutinho, 1954: 138) e às exceções a essa “lei”, que dá conta da permanência do acento na mesma sílaba em que ocorria em latim – o que não quer automaticamente dizer que essa sílaba, no PA, ocupa a mesma posição em que aparece no latim (as alterações são devidas, principalmente, a processos de síncope das postônicas) – Vasconcellos (1959: 29), Nunes (1969: 32), Williams (1975: 26), Teyssier (1987: 8). Segundo Nunes (1969: 33-34), as causas das exceções à persistência da tônica são de três tipos: fonéticas (*i* tônico na antepenúltima sílaba seguido de outra vogal transfor-

mava-se em átono e a vogal seguinte, em tônica; “positio debilis” – a antepenúltima sílaba tônica, seguida de oclusiva com líquida, transformava-se em átona e a penúltima, em tônica), morfológicas (casos em que a “consciência da composição” foi perdida, na passagem do latim ao PA) e analógicas (mudança de acentuação nas duas primeiras pessoas do plural, nos pretéritos imperfeito e mais-que-perfeito). Segundo Grandgent (1949: 12), Battisti (1946: 57-59), Niedermann (1953: 15-17), Silva Neto (1956: 96-97) e Maurer Jr. (1959: 68-72), essas alterações são anteriores ao período trovadoresco do PA, tendo acontecido já na passagem do latim clássico ao vulgar.

Em relação às alterações de posicionamento do acento do latim ao PA, chama a atenção dos estudiosos a “tendência de transformar proparoxítonas latinas em paroxítonas”, apontada por Michaëlis de Vasconcelos (1912-13: 61), que atribui aos vocábulos esdrúxulos um “quid *estranho, estrambótico*”, no português daquela época. Essa tendência de “evitar proparoxítonos” no PA é também apontada por Nunes (1969: 68) e Bueno (1955: 30).

Michaëlis de Vasconcelos (1912-13: 63-64), além da transformação de proparoxítonas em oxítonas, registra a mudança de palavras paroxítonas a oxítonas, no decorrer do período arcaico da língua:

Vocábulos outrora graves passaram a ser agudos. Soo, doo, maa, sã-o, mã-o foram contraídas em só, dó, má, sã, mão, (...); esdrúxulos antigos como perigoo, bágoo, párvoo (parvulus) passaram a graves, como perigo, bago, parvo.

Em relação ao ritmo do PA, de maneira mais geral, as informações coletadas nos estudos tradicionais são ainda mais escassas. A maior parte das observações diz respeito a afirmações de Michaëlis de Vasconcelos a respeito do *Cancioneiro da Ajuda*. Segundo essa autora, a grande maioria dos versos desse *Cancioneiro* termina em palavras oxítonas, isto é, trata-se de versos agudos – Michaëlis de Vasconcelos (1912-13: 63 e 399). Embora tal fato possa aparentemente sugerir para o PA um ritmo predominantemente iâmbico, Michaëlis de Vasconcelos (1912-13: 63) diz que “isso não corresponde de maneira alguma ao organismo verdadeiro do idioma”, sendo um reflexo da “*estética rudimentar dos trovadores*”. Para ela, nos gêneros populares, quando os poetas se afastam dos modelos franceses e provençais, surgem rimas graves, “*em harmonia com o carácter da língua*”. A autora chega, inclusive, a propor uma divisão entre esses dois tipos de ritmo, quanto ao seu caráter mais predominantemente popular ou elitista – Michaëlis de Vasconcelos (1912-13: 401):

*O povo gostava e gosta do ritmo trocaico – descendente – de marcha ou de dança saltada.
Por isso o poeta da corte preferia o ritmo iâmbico, ascendente. O povo gostava de rimas graves (inteiras) sem desprezar as agudas. Os áulicos preferiam as agudas.*

No entanto, apesar de “preferirem” os versos agudos, os trovadores da corte não “desconheciam” os versos graves. Michaëlis de Vasconcelos (1912-13: 396) afirma que D. Dinis, o rei trovador, se serve de um ritmo que ela chama de “trocaico” e “naturalíssimo” em 19 das suas cantigas.

2. Acento em Português Arcaico: uma abordagem derivacional

A partir do mesmo *corpus* aqui considerado, em trabalhos anteriores, empreendemos uma análise da acentuação do PA com base na teoria métrica paramétrica de Hayes (1995) – Massini-Cagliari (1995, 1998, 1999). Com base nesse arcabouço teórico, chegamos à conclusão de que os parâmetros que geram o posicionamento do acento no PA são os seguintes (Massini-Cagliari, 1999: 183):

- (1) pé básico: troqueu moraico
 1. quantidade de sílabas por pé: binário
 2. dominância: esquerda
 3. sensibilidade à quantidade das sílabas: sim
 4. direcionalidade na construção dos pés: da direita para a esquerda
 5. iteratividade: pés não-iterativos

As escolhas paramétricas explicitadas anteriormente não somente explicam o padrão canônico das palavras em PA (paroxítonas terminadas em sílaba leve) como também todos os outros padrões encontrados no *corpus*, como as oxítonas terminadas em consoantes grafadas como *r* ou *l* ou *s*, em nasal ou em ditongo decrescente, além das paroxítonas terminadas em hiato ou em ditongo crescente (caso em que a semivogal ocupa o *onset* silábico, uma posição não-moraica) – exemplos em (2):²

(2) (x .)	(x)	(x)	(x)	(x)
lu me	for te	pra zer	por tu gal	en ton
L L	H L	L H	H L H	H H
(x)	(x .)	(x)	(x)	(x)
san deu	do o	ue rã o	au gua	fran ces
H H	L L	L H L	H L	H H

O único caso encontrado no *corpus*, entre os não-verbos, não contemplado pelas escolhas paramétricas explicitadas em (1) é o de palavras oxítonas terminadas em sílaba leve – *aqui*, *ali*, *alá*, *acá*, *assi*. A solução encontrada foi considerá-las como compostas, da preposição *a* + base (Massini-Cagliari, 1995: 214; 1999: 173-174); nesse caso, a base, enquanto um monossílabo leve, constitui um pé degenerado – proeminente, no nível da palavra prosódica.

² Os exemplos em (2) são apresentados na ortografia do CBN. Os símbolos H e L significam, respectivamente, sílaba pesada e leve.

As escolhas explicitadas acima também dão conta de todas as formas verbais encontradas, a partir do uso da noção de extrametricidade (é extramétrica a coda final de verbos que porte elemento com *status* de flexão, ou seja, {N, S} – Massini-Cagliari, 1999: 176). As únicas exceções são as formas da 1ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo, nas 2ª e 3ª conjugações (ex.: *perdí*, *partí*), resolvidas através da consideração da última sílaba dessas formas como bimoraicas, resultado da fusão das vogais temática e da desinência número-pessoal, ambas moraicas, e as formas do Futuro do Presente, consideradas compostas do infinitivo do verbo principal, seguido do presente do Indicativo do verbo *haver*.

3. Acento em Português Arcaico: uma abordagem otimalista

Como foi visto anteriormente, o acento em PA só pode ser atribuído a uma das duas últimas sílabas da palavra. Além disso, não foi encontrada, nem na literatura especializada referida no início deste trabalho, nem na estrutura dos versos pertencentes ao *corpus*, qualquer evidência de que houvesse, nesse período da Língua Portuguesa, um ritmo alternante. Desta forma, na análise que empreendemos anteriormente (Massini-Cagliari, 1995, 1998, 1999), concluímos que o PA localiza o acento a partir da construção de pés *não-iterativos*.

Nesse sentido, diversos trabalhos de cunho otimalista têm mostrado (cf. Kager, 1999: 171; Crowhurst & Hewitt, 1995: 8) que, quando a restrição ALL-FT-X (definida em (3), abaixo, de acordo com a teoria do alinhamento generalizado de McCarthy & Prince, 1993)³, não é dominada por outras restrições, isto é, ocupa a posição mais alta na hierarquia, somente um pé pode permanecer na margem (direita ou esquerda) da palavra. Isto quer dizer que, nesse caso, quando a palavra tiver mais sílabas do que as necessárias para formar um pé na margem da palavra, nem todas elas serão segmentadas. Em outras palavras, ALL-FT-X domina PARSE-SYL – (4)⁴.

(3) ALLFT-RIGHT (todos os pés à direita)

Alinhe (Pé, direita, Palavra prosódica, direita)

Todo pé permanece na borda direita da palavra prosódica.

(4) PARSE-SYL (segmente a sílaba): As sílabas são segmentadas em pés.

Como a borda em que o acento incide em PA é a direita, para essa fase histórica do português, pode-se estabelecer a seguinte relação de dominância:

³ A restrição ALL-FT-R também pode ser definida nos termos de Cohn & McCarthy (1994: 9): *The right edge of every foot coincides with the right edge of some PrWd.*

⁴ Cf. McCarthy & Prince (1993: 11), Cohn & McCarthy (1994: 7), Hammond (1995: 8), Crowhurst & Hewitt (1995: 3) e Kager (1999: 162). Em Hammond (1997: 44), essa restrição é definida como: *“Two unfooted syllables cannot be adjacent”*.

(5) All-Ft-R >> Parse-Syl

Porém, o *ranking* estabelecido acima não é suficiente para determinar qual o tipo de pé “construído”. Os estudos anteriores a respeito do acento do PA, do ponto de vista derivacional e também os estudos tradicionais a respeito dessa língua, mostraram que ela segue um padrão rítmico *trocaico*, o que, em termos otimalistas, pode ser estabelecido através da alta hierarquia da restrição TROCHEE (“troqueu”, ou RHTYPE=T, “tipo rítmico = troqueu”) – cuja definição aparece em (6).⁵

(6) TROCHEE: os pés têm proeminência inicial

Além disso, pode-se perceber, através da observação dos exemplos abaixo, que o PA é sensível ao peso da última sílaba da palavra para a formação dos pés.

(7) *sagrádo vs. sagraçón*
uírgo vs. uirgéu

Na literatura que se desenvolveu a respeito da análise de sistemas rítmicos sensíveis à quantidade das sílabas sob a perspectiva da TO, estabeleceu-se que, quando as sílabas pesadas recebem obrigatoriamente acento, é porque WSP (Hammond, 1997: 172), conforme definida em (8), encontra-se em uma posição alta na hierarquia das restrições.

(8) WSP – Weight-to-Stress Principle
Sílabas pesadas são acentuadas

No entanto, pode-se perceber que o PA dá mais prioridade à formação de troqueus do que ao peso das sílabas da palavra; na verdade, o que importa mesmo é somente a quantidade da última sílaba da palavra, uma vez que uma sílaba pesada na antepenúltima posição da palavra, seguida de duas leves, não atrai para si o acento: **cóytado*. Desta forma, pode-se concluir que, em PA, a restrição TROCHEE está hierarquizada acima de WSP. Além disso, algumas sílabas podem não ser segmentadas em pés para preservar a estrutura rítmica trocaica e o estabelecimento de um único pé por palavra: isto prova que as restrições TROCHEE e ALL-FT-R estão hierarquizadas acima de PARSE-SYL. Mas, de acordo com a discussão que será feita adiante a respeito das formas nominais oxítonas terminadas em sílaba leve do PA, é preciso estabelecer que TROCHEE é hierarquizada acima de ALL-FT-R.

Resta, então, estabelecer qual a relação entre PARSE-SYL e WSP. Como ambas são restrições violáveis na borda esquerda da palavra, não temos elementos suficientes para estabelecer uma relação de dominância entre elas. Assim, temos, para a

⁵ Cf. Hammond (1997: 44) e Kager (1999: 172-173). Em McCarthy & Prince (1993: 11) e Cohn & McCarthy (1994: 7). Esta restrição recebe o rótulo de FOOT-FORMATION (TROCHAIC).

localização do acento no PA, a hierarquia de restrições estabelecida em (9). A interação dessas restrições a partir da hierarquia acima está representada no tableau (10).

(9) TROCHEE >> ALL-Ft-R >> WSP; PARSE-SYL

(10)	/amig-o/	TROCHEE	ALL-Ft-R	WSP	PARSE-SYL
a.	☞ a (mí.go)				*
b.	(á) (mí.go)		*		
c.	a (mí) go		*		**
	/amor/	TROCHEE	ALL-Ft-R	WSP	PARSE-SYL
d.	☞ a (mór)				*
e.	(á)(mór)		*		

No entanto, para dar conta perfeitamente de todas as ocorrências de acento em PA, é preciso verificar a relação entre as restrições BIN = FOOT BINARITY (= binaridade do pé), em (11)⁶, e WSP, uma vez que o português daquela época levava em consideração a contagem das moras para a construção dos pés.

(11) BIN (FOOT BINARITY = binaridade do pé)

Os pés são binários em algum nível de análise (μ , σ)

Ocorrências como *amigo*, *amór*, *coytáda*, *salvadór*, *Portugál*, *coraçón*, entre outras, comprovam a sensibilidade do PA à quantidade da última sílaba, na atribuição do acento. Desta forma, podemos concluir que BIN ocupa uma posição alta na hierarquia, uma vez que a binaridade, no nível moraico, é preservada: o PA forma pés bimoraicos, com duas sílabas leves ou com uma pesada. Entretanto, a comparação entre *amigo*, *cóyta* e *coytáda* mostra que a binaridade no nível moraico é menos importante do que o tipo do pé construído (trocaico), haja visto a acentuação em *cóyta*. Também o tipo e a binaridade do pé são mais importantes do que a consideração da quantidade silábica (WSP), porque, como já foi mencionado, em palavras do tipo *coytádo*, o acento se mantém na penúltima leve, não retrocedendo para a antepenúltima, só porque esta é pesada – o que comprova, mais uma vez, a dominância de ALL-Ft-R. Destas considerações, resulta a hierarquia das restrições estabelecida em (12), exemplificada no tableau (13):

(12) TROCHEE >> ALL-Ft-R >> BIN >> WSP; PARSE-SYL

⁶ Cf. a restrição FTBINARITY: McCarthy & Prince (1993: 11), Cohn & McCarthy (1994: 7), Hammond (1995: 8), Crowhurst & Hewitt (1995: 5) e Kager (1999: 161). No entanto, em Hammond (1997: 45), encontramos a restrição BINARITY, definida como "A monosyllabic foot cannot occur before an unfooted syllable".

(13)	/amig-o/	TROCHEE	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
a.	↗ a (mí.go)					*
b.	(á) (mí.go)		*	*		
c.	a (mí) go		*	*		**
	/amor/	TROCHEE	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
d.	↗ a (mór)					*
e.	(á)(mór)		*	*		
	/coyt-a/	TROCHEE	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
f.	↗ (cóy.ta)					
g.	(cóy) ta		*			*
	/coyt-ad-a/	TROCHEE	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
h.	↗ coy (tá.da)				*	*
i.	(cóy) (tá.da)		*			
j.	(cóy) ta.da		*			**
l.	(cóy) (tá) da		*	*		*

Como mostram os exemplos abaixo, o PA possui monossílabos pesados (14a), que seguem o padrão gerado pela hierarquia estabelecida em (12), e leves (14b), que, sozinhos, não podem gerar um pé bimoraico:

- (14) a. Rey
ben
uez
mal
mar
- b. fe (= “fé”)
la
ia (= “já”)

Como até mesmo as palavras listadas em (14b) recebem acento em PA, a conclusão lógica é que a restrição ROOTING⁷ – (15) – não pode ser violada, ocupando uma posição bastante alta na hierarquia. Pode-se dizer que esta restrição é até mais alta na hierarquia do que TROCHEE, uma vez que é mais importante, no PA, o fato de as palavras possuírem um acento do que este ser gerado por um pé trocaico. No tableau (16), está demonstrado como a restrição ROOTING interage com as demais para gerar o padrão acentual dos monossílabos, leves (16a,b) e pesados (16c,d).

(15) ROOTING: As palavras devem ter um acento.

⁷ Cf. Hammond (1995: 9; 1997: 44).

(16)	/fe/	ROOTING	TROCHEE	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
a.	fe (fé)				*		
b.	fe	*!					
	/mar/	ROOTING	TROCHEE	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
c.	mar (már)						
d.	mar	*!				*	*

Quanto à consideração do peso das sílabas para a atribuição do acento, é importante salientar que foi encontrado no *corpus* um pequeno grupo de palavras oxítonas terminadas em sílaba leve: *aquí, alí, assí, alá, acá*.⁸ A existência desses exemplos prova que o PA dá mais importância ao fato de a última sílaba do radical ser acentuada do que ao formato dos pés (ou seja, sua configuração trocaica, com proeminência inicial). Além disso, o alinhamento do acento com relação ao radical é também mais importante do que a binaridade do pé (já que o pé formado para dar conta dessas ocorrências é composto de uma única sílaba leve) e do que o peso da sílaba acentuada. Desta forma, a exemplo do que fez Roca (1998: 12) para o espanhol⁹, propomos para o PA a consideração da restrição $\text{FIN}\sigma'_{\text{st}}$, definida em (17), da família das restrições de alinhamento, hierarquizada acima de ALL-FT-R, BIN, PARSE-SYL e WSP, conforme se estipula em (18) – mas abaixo de ROOTING e TROCHEE, porque é de menos importância do que o fato de a palavra possuir um acento e de este ser gerado por um pé trocaico.

(17) $\text{FIN}\sigma'_{\text{st}}$: a sílaba acentuada é a última do radical¹⁰.

(18) Rooting >> Trochee >> $\text{Fin}\sigma'_{\text{st}}$ >> All-Ft-R >> Bin >> WSP; Parse-Syl

O tableau (19) mostra como as restrições acima hierarquizadas interagem para gerar o padrão de acentuação das palavras oxítonas terminadas em sílaba leve:

⁸ Deve-se ressaltar, no entanto, o fato de que existem sérias dúvidas quanto ao fato de esses exemplos constituírem realmente uma única palavra cada um. Como já foi mencionado, em Massini-Cagliari (1995: 214; 1999: 173-174), consideramos essas palavras como compostas, da preposição *a* + base; entretanto, talvez fossem mesmo seqüências de duas palavras (uma gramatical e uma lexical), formando um sintagma preposicional.

⁹ Roca (1998) baseia-se na restrição $\text{RIGHTMOST}(\sigma')$ de Cohn & McCarthy (1994: 15), que é definida pelos autores nos padrões de McCarthy & Prince (1993): $\text{Align}(\sigma', \text{Right}; \text{PrWd}, \text{Right})$ – *The main stressed syllable is final in the PrWd*. Desta forma, Cohn & McCarthy alinham a borda da sílaba acentuada com a borda da palavra prosódica, enquanto que Roca alinha a borda da sílaba acentuada com a borda do radical.

¹⁰ Entenda-se: radical **derivacional**, incluindo todos os morfemas derivacionais e excluindo os flexionais.

(19)	/amig-o/	ROOTING	TROCHEE	FIN σ 'ST	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
a.	↗ a (mí.go)							*
b.	(á) (mí.go)				*	*		
c.	(á) (mí) go				*	*		**
d.	a (mí) go				*	*		**
e.	(a.mí) go		*!		*			*
	/aqui/	ROOTING	TROCHEE	FIN σ 'ST	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
f.	↗ a (quí)					*		*
g.	(á) (quí)				*	**		
h.	(á.quí)			*!				
i.	(a.quí)		*!					

A consideração da hierarquia proposta em (18) resolve, também, um outro problema da descrição dos padrões acentuais do PA: os nomes plurais. Comparem-se, no tableau (20), os padrões acentuais dos plurais das palavras paroxítonas com o singular das palavras oxítonas, através da análise das palavras *amigas* e *francês*, ambas terminadas em sílabas travadas por /-S/:¹¹

(20)	/amig-a-s/	ROOTING	TROCHEE	FIN σ 'ST	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
a.	↗ a (mí.gas)						*	*
b.	(á) (mí.gas)				*	*	*	
c.	(á) (mí) gas				**	**	*	*
d.	a (mí) gas				*	*	*	**
e.	(a.mí) gas		*!		*		*	*
	/franc-es/	ROOTING	TROCHEE	FIN σ 'ST	ALL-FT-R	BIN	WSP	PARSE-SYL
f.	↗ fran (cés)						*	*
g.	(frán) (cés)				*			
h.	(frán.ces)			*!			*	
i.	(fran.cés)		*!				*	

4. Conclusão

Com base na argumentação desenvolvida no item 3 deste trabalho, chegou-se à conclusão de que, dentro do arcabouço teórico da TO, a hierarquia de restrições que dá conta da localização do acento nos nomes e demais itens não-verbais em PA é a anteriormente apresentada em (18), repetida abaixo:

ROOTING >> TROCHEE >> FIN σ 'ST >> ALL-FT-R >> BIN >> WSP; PARSE-SYL

¹¹ A consideração da hierarquia estabelecida em (18), com base na consideração da restrição FIN σ 'ST, equivale a dizer que uma restrição como WSP-FT, definida por Kager (1997: 490), como "*bimoraic syllables must not occur in weak positions of feet*", ocupa uma posição bastante baixa – abaixo ainda de WSP e PARSE-SYL. Por este motivo, não será considerada.

Referências Bibliográficas:

- Battisti, Carlo (1946) *La crisi del latino – Lezioni universitarie sul latino volgare*. Firenze: Universitaria Editrice.
- Bueno, Francisco da Silveira (1955) *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Cohn, Abigail C. & John J. McCarthy (1994) Alignment and Parallelism in Indonesian Phonology. *Rutgers Optimality Archives – ROA-25*. [<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]
- Coutinho, Ismael de Lima (1954) *Pontos de Gramática Histórica*. 3ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Crowhurst, Megan & Mark S. Hewitt (1995) Directional Footing, Degeneracy, and Alignment. *Rutgers Optimality Archives – ROA-65*. [<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]
- Grandgent, Charles H. (1940) *From Latin to Italian – An historical outline of the phonology and morphology of the Italian language*. Cambridge: Harvard University Press.
- Hammond, Michael (1995) There is no lexicon! *Rutgers Optimality Archives – ROA-43*. [<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]
- Hammond, M. (1997) Optimality Theory and Prosody. IN Archangeli, Diana & D. Terence Langendoen (eds.) *Optimality Theory – An Overview*. Oxford: Blackwell. pp. 33-58.
- Hayes, Bruce (1995) *Metrical Stress Theory – Principles and Case Studies*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Kager, René (1997) Rhythmic Vowel Deletion in Optimality Theory. IN Roca, Iggy (ed.) *Derivations and Constraints in Phonology*. Oxford: Clarendon. pp. 463-499.
- Kager, R. (1999) *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Massini-Cagliari, Gladis (1995) *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP.
- Massini-Cagliari, G. (1998) Atribuição de acento em Português Arcaico. IN Earle, T. F. (org.) *Actas do Quinto Congresso. Associação Internacional dos Lusitanistas*. Oxford/Coimbra: Associação Internacional dos Lusitanistas. Tomo I, pp. 183-206.
- Massini-Cagliari, G. (1999) *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1991) *O Português Arcaico: Fonologia*. São Paulo: Contexto.
- Maurer Jr., Th. H. (1959) *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- McCarthy, John J. & Alan S. Prince (1993) Generalized Alignment. *Rutgers Optimality Archives – ROA-7*. [<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1904) *Cancioneiro da Ajuda, Edição de Michaëlis de Vasconcelos*. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1912-1913) *Lições de Filologia Portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, s/d.
- Niedermann, Max (1953) *Précis de Phonétique Historique du Latin*. Quatrième édition revue et augmentée. Paris: Klincksieck.

- Nunes, José Joaquim (1969) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – Fonética e Morfologia*. 7ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Nunes, J. J. (1972) *Cantigas de amor dos trovadores galego-portugueses*. Nova Edição. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro. 1ª edição: 1932.
- Nunes, J. J. (1973) *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro. 1ª edição: 1926/1929.
- Prince, A. & Paul Smolensky (1993) *Optimality Theory*. Constraint Interaction in Generative Grammar. Technical Report #2 of the Rutgers Center for Cognitive Science. Rutgers University.
- Roca, Iggy (1998) Morphology and Rhythm in Word Stress. Conferência proferida no XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. 28, 29 e 30 de setembro de 1998. (*handout*)
- Silva Neto, Serafim da (1956) *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Teyssier, Paul (1987) *História da Língua Portuguesa*. 3ª edição portuguesa. Lisboa: Sá da Costa.
- Vasconcellos, José Leite de (1959) *Lições de filologia portuguesa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- Williams, Edwin B. (1975) *Do Latim ao Português*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.